



CALOURA

O primeiro Congresso do Andes ninguém esquece. Que o diga a professora Karine da Silva Verdoorn, diretora da AdUFRJ. “Foi uma experiência riquíssima. Gostei muito”, resume

Página 2

40º
CONGRESSO do
ANDES-SN



A VIDA ACIMA
DOS LUCROS:
ANDES-SN 40 ANOS DE LUTA!

DEBATE SOBRE O OBSERVATÓRIO ENTUSIASMA CONGRESSO

Páginas 2, 3 e 4



Professores celebram reencontro no Andes e exigem Fora Bolsonaro

ALEXANDRE MEDEIROS E ANA BEATRIZ MAGNO
ENVIADOS ESPECIAIS

PORTO ALEGRE - Depois de dois anos de pandemia e reuniões virtuais, 642 professores de todo o país festejaram o reencontro presencial e, durante cinco dias, debateram os destinos da universidade, da carreira docente e do sindicalismo no 40º Congresso do Andes, que teve como tema “A vida acima dos lucros: 40 anos de luta!”. Em uníssono, todos pediram Fora Bolsonaro! **EDIÇÃO ESPECIAL, páginas 2 a 8**

40º
CONGRESSO do
ANDES-SN



EDITORIAL

IMPRESSÕES DOS DIRETORES DA ADUFRJ SOBRE O 40º CONGRESSO DO ANDES

HORA DE REAPROXIMAR O ANDES DOS PROFESSORES



RICARDO MEDRONHO
Diretor da AdUFRJ e delegado no Congresso do Andes

Este é o terceiro congresso do Andes de que participo. O primeiro, em Salvador, em 2018, foi muito tenso. Havia uma incompreensível atitude da grande maioria dos participantes em criticar os governos Lula e o PT, culpando-os por todas as mazelas pelas quais o país passava e que culminaram com o (des) governo Bolsonaro. O Andes seguiu os passos da CSP-Conlutas apoiando a vergonhosa campanha "Fora Todos", que serviu para auxiliar o golpismo de direita e se negando a condenar o golpe sofrido pela primeira presidenta do Brasil. O 38º Congresso, em Belém, em 2019, foi menos tenso, pois começava a ficar claro que o grande inimigo a ser enfrentado era o (des) governo Bolsonaro. Esta tendência foi consolidada neste 40º Congresso, em Porto Alegre. Houve um entendimento unânime de que o verdadeiro inimigo da classe trabalhadora era o Bolsonaro. Apesar disso, ainda se ouviram algumas vozes criticando a "conciliação de classes" promovida, de acordo com estas vozes, pelos governos do PT.

O Andes vem, há décadas, sendo dirigido por um conjunto limitado de pessoas com uma certa unidade de pensamento. O problema é que, na minha opinião, estas pessoas não representam o pensamento médio dos docentes. Exatamente por isso, a cada congresso fica evidente o crescimento

do Renova Andes, principal corrente de oposição à atual diretoria. O Renova representa um conjunto distinto de pessoas com um pensamento diferente dos que atualmente ocupam a direção do sindicato. Por isso, este é um movimento importante de oposição e que vem crescendo em importância a cada eleição. Existe, portanto, uma possibilidade concreta de termos mudanças nas próximas eleições para a diretoria do Andes.

Infelizmente, a plenária do congresso negou apoio ao Observatório do Conhecimento e foi muito crítica à Ciência e Tecnologia. Muitos só entendem Ciência e Tecnologia se voltados única e exclusivamente ao desenvolvimento social e nunca, por exemplo, ao desenvolvimento industrial do país. Outro exemplo de uma posição sectária do congresso é que foi aprovada a intensificação da luta contra as iniciativas de regulamentação do Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação (MLCTI). Além disso, puderam ser ouvidas muitas falas criticando a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a Academia Brasileira de Ciências (ABC).

Para nós, da AdUFRJ, está clara a importância de reaproximar o Andes dos professores universitários e dos temas que são intimamente relacionados ao nosso cotidiano. Porto Alegre apontou esperança, mas ainda falta um bom chão a ser trilhado.



O PRIMEIRO CONGRESSO A GENTE NÃO ESQUECE



KARINE VERDOORN
Diretora da AdUFRJ

Esse foi meu primeiro Congresso. Gostei bastante, estava curiosa

para conhecer a dinâmica. Acho que tem pontos muito positivos, mas vejo também que há muito o que melhorar na estratégia das discussões.

Considero interessante o método utilizado de grupos de trabalho, são grupos menores, o que possibilita a participação de mais gente, e que todos participem do processo decisório, de forma mais próxima. Mas discutir os mesmos assuntos nas plenárias

BOAS NOVAS: PROTAGONISMO DA ADUFRJ E OBSERVATÓRIO



MAYRA GOULART
Vice-presidente da AdUFRJ e delegada no Congresso do Andes

Nessa edição de 2022 do Congresso do Andes, nós conseguimos avanços significativos, e por nós entendemos aqui a AdUFRJ. A AdUFRJ teve uma posição de bastante protagonismo no Congresso, uma vez que uma das suas iniciativas, o Observatório do Conhecimento, ganhou um lugar de destaque.

O Observatório fez uma clivagem importante no Congresso, entre a atual diretoria do Andes e o principal movimento de oposição (Renova Andes).

A atual diretoria entende a carreira docente como algo que não contempla prioritariamente o ensino e a pesquisa. Esse é um entendimento bem diferente do nosso na diretoria da AdUFRJ. A gente avalia que a carreira docente tem como elemento constitutivo o ensino e a pesquisa. E entendemos que o Observatório do Conhecimento é um espaço de mobilização, de comunicação e de *advocacy* sobre orçamento do conhecimento, de pesquisas, e que está afinado com o fazer docente.

E essa nossa proposta ter se contra-

posto à diretoria do Andes, e ter sido incorporada pela principal corrente de oposição à diretoria — o Renova — me parece muito importante.

O Renova tem muita afinidade com nosso entendimento sobre o fazer docente e o sindicalismo. Achamos que o sindicalismo docente tem que estar preocupado em atrair o professor da base, o professor que não se sente propriamente identificado com aquele sindicalismo mais tradicional, que não fala a linguagem dele, que está preso a questões muito abstratas, de política internacional e mesmo nacional, que são relevantes, mas que não estruturam a vida desse docente na universidade, na sua dimensão profissional. Diferentemente das pautas propriamente sindicais e relativas à nossa carreira, essas questões políticas tendem a afastar e dividir os professores, em função de suas diferentes orientações ideológicas. Por isso, eu acho que colocar o Observatório do Conhecimento como uma pauta do Renova Andes foi muito importante para nós da UFRJ.

Queremos uma diretoria do Andes, o nosso sindicato nacional, com mais afinidade com nossa visão de sindicalismo. Isso é muito importante porque reforça a dinâmica de aproximação com uma base maior, mais ampla e formada por professores que sentem representados por uma outra e inovadora forma de fazer sindicalismo, com um espaço de representação mais amplo. Essa é a nossa proposta.



é muito cansativo e torna o processo muito moroso, demorado e com muita burocracia. Eu até perguntei se a dinâmica era nova porque muita gente não sabe como funciona e pede esclarecimentos.

Outra coisa que me chamou bastante atenção é que temas pertinentes ao cotidiano dos professores, aos salários, à carreira docente, não foram aprofundados. Os temas gerais políticos

são muito amplos e acaba que o que nos interessa e nos afeta mais diretamente fica num segundo plano, com pouco destaque.

Os temas que eu gostaria de ver mais presentes são os do reajuste salarial, questões da própria carreira, de estrutura da carreira, de progressão docente. Esses temas não apareceram. Apareceram muito mais temas políticos gerais e nacionais.

A VIDA ACIMA
DOS LUCROS:
ANDES-SN 40 ANOS DE LUTA!



Congresso do Andes reuniu 642 docentes e fez história

> Direção conseguiu adiar decisão sobre Conlutas e rejeitou Observatório do Conhecimento. Bancada da AdUFRJ marcou presença nos temas ligados à universidade e à Ciência

ANA BEATRIZ MAGNO
E ALEXANDRE MEDEIROS
Enviados Especiais

PORTO ALEGRE – “Fora Bolsonaro” foi o grito mais ouvido nos cinco dias do 40º Congresso do Andes, realizado de 27/3 a 1º/4, em Porto Alegre. Com o segundo maior quórum de seus 40 encontros, o evento reuniu 642 docentes de universidades federais, estaduais e Cefets de todo o Brasil. A delegação da AdUFRJ contou com 19 professores, sendo 13 delegados e seis observadores.

Com posições políticas tão diversas quanto os sotaques que se revezaram nos microfones de auditórios e salas, os professores debateram temas da conjuntura política, da carreira docente, dos cortes orçamentários, dos desafios sindicais e de Ciência e Tecnologia. As discussões foram intensas, quase todas respeitadas e marcadas pela alegria de reencontrar colegas após dois anos de pandemia.

“Foi um congresso intenso e diferente dos outros dois de que participei, o de Salvador e de Belém, quando as disputas internas atrapalharam o debate de qualidade”, avalia o professor Ricardo Medronho, diretor da AdUFRJ e delegado do sindicato ao encontro.

Ex-presidente da AdUFRJ, a professora Eleonora Ziller, também assídua nas plenárias e reuniões do Andes, concorda com Medronho e avalia positivamente a experiência na capital gaúcha. “Para ser absolutamente justa, tenho que identificar uma mudança significativa na forma das disputas políticas. O ambiente sindical sempre foi de muita tensão, com embates verbais severos. Isso afasta muito as pessoas. Agora foi diferente”, avalia Nora. “A condução da diretoria do Andes fez diferença, com alta participação de mulheres nas mesas, conduzindo com muita delicadeza e firmeza. As mulheres impõem uma nova linguagem. A gente está caminhando, a gente está melhor”.

Até professores alinhados com a atual diretoria do Andes reconhecem o problema da falta de objetividade dos debates. “Temos uma forma muito trabalhosa aqui que é ir emendando os textos de cada TR. E é verdade que não fica muito claro o que é muito essencial e o que é menos importante”, pondera o professor Luís Eduardo Acosta, ex-vice-presidente do Andes, e docente da Escola de Serviço Social da UFRJ. “Temos problemas e é muito difícil mudar uma forma de trabalho que já tem 40 anos”.

687 mil, incluindo as passagens aéreas, mas sem contar os gastos das seções sindicais com as diárias e hospedagens.

Todos os anos o custo do Congresso é rateado entre as seções sindicais, e cada uma delas paga um valor proporcional ao total de sindicalizados e de sua delegação. A AdUFRJ, por exemplo, pagou R\$ 40.270 porque tem a maior representação do país, com 3.437 filiados.

BUROCRACIA E DEMOCRACIA

A metodologia do Congresso do Andes não é trivial, parece uma colcha de retalhos e está baseada numa peculiar costura de artigos. O trabalho começa pelos chamados TRs, textos de resolução que englobam assuntos relacionados desde a carreira docente até a filiação a centrais sindicais. Os textos são escritos pelos sindicalizados e pela diretoria do Andes.

Os debates partem de pequenos grupos com cerca de 25 pessoas e chegam até as plenárias gerais com todos os congressistas. Os grupos debatem os mesmos assuntos e votam os textos dos TRs. Todos as resoluções com mais de 30% de aprovação vão para as plenárias e lá são debatidas novamente, em demoradas e desgastantes sessões.

“Isso é exaustivo, repetitivo e burocrático”, reclama a vice-presidente da AdUFRJ, professora Mayra Goulart, pela segunda vez num Congresso do Andes. “Não faz sentido refazermos a discussão toda nas plenárias. A discussão nos grupos é muito mais interessante e eficaz do que as longas plenárias. Há uma questão de metodologia que reafirma uma diretoria que quer se blindar para a manutenção do *status quo*”.

Até professores alinhados com a atual diretoria do Andes reconhecem o problema da falta de objetividade dos debates. “Temos uma forma muito trabalhosa aqui que é ir emendando os textos de cada TR. E é verdade que não fica muito claro o que é muito essencial e o que é menos importante”, pondera o professor Luís Eduardo Acosta, ex-vice-presidente do Andes, e docente da Escola de Serviço Social da UFRJ. “Temos problemas e é muito difícil mudar uma forma de trabalho que já tem 40 anos”.

A direção do Andes discorda.



Markos Klemz Guerrero, professor de Filosofia da UFRJ e vice-presidente regional do Andes, concorda que as discussões são, muitas vezes, exaustivas, mas considera que a repetição dos debates no plenário é a única forma de garantir que posições minoritárias também sejam debatidas. “Não vejo outra solução. Todo o nosso esforço é para garantir a representação da base”, defende.

BOLSONARO E LULA

Se o “Fora Bolsonaro” foi uma unanimidade, a candidatura Lula passou longe disso. Foi assim nos cinco dias de congresso. Ainda que todos os congressistas fossem unânimes sobre a importância de impedir a reeleição do atual presidente da República, muitos discursos rechaçaram a hipótese de que o Andes sinalize o voto no ex-presidente Lula.

“Não podemos indicar um voto. Seja ele do PT, do PSOL ou de qualquer partido. Qualquer um que ganhar as eleições será nosso patrão”, avalia Markos Klemz. Essa posição, no entanto, foi rebatida veementemente pelo grupo mais forte de oposição à atual diretoria, o Renova Andes, corrente que nasceu sob a hegemonia do PT, mas que se ampliou e hoje abraça várias correntes políticas.

“Essa ideia de que todo patrão é igual é ridícula e parece que a

de entidade científica que deveria receber apoio do Andes em suas iniciativas em defesa da Ciência e das instituições científicas, mas teve seu nome suprimido após a votação final.

O professor Ricardo Medronho lamentou a decisão. “Muitos só entendem Ciência e Tecnologia se voltados única e exclusivamente ao desenvolvimento social e nunca, por exemplo, ao desenvolvimento industrial do país”, lamenta o professor Medronho. “Outra posição sectária do congresso é que foi aprovada a intensificação da luta contra as iniciativas de regulamentação do Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação (MLCTI), além de muitas críticas à SBPC e à Academia Brasileira de Ciências (ABC)”.

CONLUTAS E CENTRAIS SINDICAIS

Última polêmica do Congresso, a filiação à desconhecida e ultra radical CSP-Conlutas mobilizou intensa discussão. O Andes é filiado à Conlutas, mas muitas associações docentes questionam a representatividade da central sindical, particularmente depois de 2016, quando a instituição defendeu o impeachment da ex-presidente Dilma e a prisão do ex-presidente Lula.

“Essa central nos coloca de costas para os professores. Ela é uma bola de chumbo nos pés do Andes”, resumiu a professora Erika Suruagy, presidente da Associação de Docentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco (Aduferpe) e uma das principais lideranças do Congresso. “Não dá mais para o nosso sindicato se manter isolado”.

Na mesma linha, o professor Felipe Rosa, ex-vice-presidente e integrante da delegação da AdUFRJ, é um veemente crítico que pode derrotar o Bolsonaro. “Duvido que a maioria dos professores universitários saibam o que é Conlutas e defendam que o dinheiro dos sindicalizados siga investido nesse gueto”, criticou.

As muitas críticas não resultaram em mudanças. O Congresso manteve a filiação e a diretoria se comprometeu a rediscutir o assunto no próximo encontro, em 2023, em Rio Branco, no Acre. “Que a Amazônia nos inspire e amadureça o Andes”, resumiu a vice-presidente da AdUFRJ, Mayra Goulart.



“Política não é churrasco que você só convida os amigos”

> Alerta foi da vice-presidente da AdUFRJ, Mayra Goulart, ao rebater críticas sectárias de que o Observatório do Conhecimento havia promovido debate com a presença de Armínio Fraga

“Política não é churrasco em que a gente convida só os amigos. Nós temos que fazer política com quem pensa diferente. E é isso que o Observatório do Conhecimento quer. Queremos falar com toda a sociedade, disputar por meio de nosso potencial reflexivo toda a sociedade, e não apenas militantes de esquerda”, resumiu a vice-presidente da AdUFRJ, Mayra Goulart, sob aplausos da plateia, no debate sobre a inclusão ou não de uma menção ao Observatório do Conhecimento no texto de resolução 32, que tratou da Política de Ciência e Tecnologia.

A fala de Mayra foi uma resposta às críticas da oposição

da AdUFRJ ao Observatório do Conhecimento que, em fevereiro desse ano, convidou economistas de várias vertentes para um debate. Participaram o ex-presidente do Banco Central Armínio Fraga, o economista André Lara Resende e as professoras Laura Carvalho, Esther Dewck e Monica de Bolle. “Não queremos que nossa base debata com banqueiros e inimigos da universidade, como fez o Observatório ao chamar o Armínio”, atacou Markos Klemz, vice-presidente regional do Andes e professor de Filosofia da UFRJ.

“Tenho confiança nos meus argumentos. Quero debater com Armínio Fraga e com quem quer



que seja porque quero mostrar a força dos meus argumentos. Prefiro mil vezes um debate com 200 pessoas que pensam diferente do que um com 20 que pensam igual”, emendou o professor Luis Rojo, da delegação

da Universidade Federal Fluminense e também entusiasta do Observatório, rede de associações docentes, idealizada pela AdUFRJ, para articular atividades em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade.

No Congresso de Porto Alegre, os professores ligados à diretoria da AdUFRJ assinaram uma série de textos em defesa da aproximação entre o Andes e o Observatório. A proposta de ligação entre as duas entidades foi rejeitada por 199 a 130 votos. O debate que antecedeu a votação, no entanto, foi dos mais intensos e interessantes do Congresso. “A qualidade do diálogo se estabelece pela qualidade dos interlocutores. O que o Observatório faz é estimular o debate qualificado, e debate qualificado se faz com quem pensa diferente”, resumiu o professor Felipe Rosa, ex-diretor da AdUFRJ, em outra intervenção bem aplaudida.

RENOVA ANDES LEVA 115 DELEGADOS E MANTÉM ESPERANÇA DE CONQUISTAR SINDICATO

Com a maior bancada oposicionista dos últimos congressos, o Renova Andes avalia que pode vencer as próximas eleições para a diretoria do Andes. “Trazemos 115 docentes. Estamos crescendo

e temos esperança de ganhar as próximas eleições”, resume Luis Antônio Pasquetti, professor da Universidade de Brasília, e um dos coordenadores do Renova. O grupo tem representantes em

universidades de todo o país, entre elas a UFRJ, onde as três últimas diretorias da AdUFRJ se aproximaram do Renova. “Ter a AdUFRJ com a gente é uma honra. É a maior associação do-

cente do país e isso sinaliza que estamos no caminho certo de aproximação dos professores com o Andes”, completa Pasquetti. “Queremos debater temas relacionados ao cotidiano dos professores e da Ciência. O momento político é dramático e precisamos nos aproximar da SBPC e das associações científicas”, expli-

ca a professora Elisa Guaraná, presidente da Associação de Docentes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A seguir, as professoras Eleonora Ziller e Erika Suruagy, integrantes da coordenação nacional do Renova, avaliam os desafios do movimento e a participação no Congresso.

DEPOIMENTOS



ELEONORA ZILLER
Integrante da coordenação nacional do Renova Andes

Ex-presidente da AdUFRJ

O Renova é um acontecimento importante dentro do movimento sindical dos professores. Ele vem ganhando expressão, tem conseguido ampliar sua atuação em várias universidades e traduz um anseio muito grande daqueles que atuam no movimento docente.

Hoje, o Renova corresponde a uma franja muito diversificada, não só do ponto de vista partidário, mas também de diversos lugares do país. Em Porto Alegre, foram mais de cem delegados identificados conosco. A novidade é que não se trata de mais um movimento dirigido por uma corrente política. O Renova não é nada disso.

A participação da UFRJ nesse grande movimento de renovação do Andes tem sido crescente e tem amadurecido a cada ano. Em

2018, na eleição para a direção do Andes, participamos eleitoralmente sem muita organicidade. Na eleição passada, em 2020, o professor Felipe Rosa entrou na chapa como primeiro vice-presidente regional e isso já deu uma outra cara ao grupo.

Ganhamos a eleição na UFRJ e trouxemos um aumento de 40% no quórum de participação dos professores. Nossa meta é ampliar ainda mais. Queremos mostrar, com consistência e profundidade, a percepção de que um sindicato de docentes deve ser voltado para o conjunto dos professores, e não apenas para uma pequena parcela militante.

Outro ponto que me impressionou em Porto Alegre foi o debate sobre o Observatório do Conhecimento. Ele explicitou um posicio-

namento do Andes com o qual nós temos profundas divergências. O Observatório é um exemplo dessa experiência pois envolve ADs com diversos posicionamentos.

Achamos que o Andes precisa dialogar com a comunidade científica. Foi estranhíssimo, na mesa de abertura, não haver ninguém da SBPC, da ABC, nem da União Nacional dos Estudantes. Ficou explícito que a diretoria do Andes acredita que o sindicato não pode estar ao lado de quem não defende as suas teses. Para o Renova, isso não é problema. A gente pode permanecer com as nossas teses, defendê-las com segurança e com firmeza, mas é urgente que possamos nos sentar com todos que defendam a democracia, a ciência, a liberdade de pensamento, a cultura e arte sem censura.

Apesar da derrota, eu fico feliz ao ver que a tese do Observatório do Conhecimento foi rejeitada por 199 a 130. Em outros tempos, isso seria inimaginável. O Observatório entra na pauta do Congresso demonstra que o Andes pode ser mudado e que, em breve, ele poderá sair de seu isolamento da vida nacional.



ERIKA SURUAGY
Integrante da coordenação nacional do Renova Andes

Presidente da Associação dos Docentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco (Aduferpe)

Destaco alguns pontos positivos sobre a atuação do Renova no Congresso de Porto Alegre. Conseguimos, por exemplo, fazer um bom debate acerca do retorno do Andes ao Dieese. Nesse momento histórico, em que estamos no meio de uma campanha salarial, esse é um reforço na luta de nossas seções sindicais e do próprio Andes.

O Renova também abriu uma discussão sobre as metodologias do congresso e, embora, ainda não tenhamos um resultado positivo, já começamos a mostrar a importância de realizar um debate verdadeiramente democrático, que represente o conjunto da categoria.

Tenho certeza de que o Renova Andes chega muito mais

organizado e com muito mais propostas, com muitas TRs, que discutem desde as questões salariais, passando também pelas questões das nossas apodentadorias. Apresentamos um TR específico que diz respeito à mudança previdenciária que nos passa para o INSS.

E avançamos do ponto de vista organizativo. O Renova Andes veio para esse congresso com mais de 100 delegados sintonizados, é nossa maior delegação até agora. Na nossa avaliação, a diretoria do Andes está distante da nossa categoria. Estamos aqui para mostrar a importância do Renova Andes de devolver o nosso sindicato nacional para a sua categoria. A gente sai daqui fortalecido do ponto de vista político e organizativo.



PRINCIPAIS DELIBERAÇÕES

40º Congresso do Andes

TEMA:
“A vida acima dos lucros: ANDES-SN 40 anos de luta!”

PORTO ALEGRE
27/3 a 1º/4

89
seções sindicais representadas

445
delegados

146
observadores

34
diretores do Andes

17
convidados

642
docentes no total

Realização do II Seminário Internacional com o tema “Educação Superior na América Latina e Caribe e Organização do(a)s Trabalhador(a)s” e o Seminário “Multicampia e Fronteira”, no segundo semestre de 2022, em Foz do Iguaçu (PR).

Discutir e aprofundar, ao longo de 2022, as possibilidades de filiação a uma entidade internacional de organização de trabalhadores e trabalhadoras da Educação, a ser apreciada no 41º Congresso.

QUESTÕES ORGANIZATIVAS E FINANCEIRAS

O mandato da atual diretoria (gestão 2020/2023) fica prorrogado até o dia da posse da nova diretoria eleita. As eleições serão realizadas em maio de 2023.

Aprovar a refiliação do Andes-SN ao Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), a partir do estabelecimento de critérios explícitos para o pagamento das contribuições financeiras e de prestações de serviços. Foi aprovado ainda que a diretoria do Andes-SN apresente para o próximo Conad uma proposta de política para a contratação de instituições de assessoria técnica.

Rio Branco será a sede do 41º Congresso do Andes-SN, em 2023. A organização do encontro na capital acreana ficará a

cargo da seção sindical dos docentes da Universidade Federal do Acre.

PLANO DE LUTAS DO SETOR DAS FEDERAIS

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Reforçar a luta em defesa de eleições diretas para a escolha de reitores, paritárias ou universais, pelo fim da lista tripartite, e para que os processos se encerrem nas instituições federais, respeitando a autonomia universitária, e revogando a nomeação das interventoras e dos interventores.

Lutar contra o avanço da proposta do Reuni Digital e intensificar a luta contra os projetos Future-se, os Fundos Patrimoniais e Novos Caminhos, ou qualquer projeto similar, que vise a aprofundar a mercantilização e a privatização da educação pública.

Atualizar o levantamento sobre a defasagem salarial das carreiras do Ensino Superior e Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) das Ifes para a produção de um dossiê. O documento deve fortalecer a luta pela recomposição salarial e pela revogação da Portaria MEC Nº 983/2020, que regula as atividades docentes no âmbito da carreira EBTT.

Exigir equivalência da remuneração e das condições de trabalho dos(as) professores(as) substitutos(as) com a dos(as)

docentes efetivos(as) com a mesma titulação e regime de trabalho, contemplando a isonomia remuneratória no primeiro nível de carreira docente.

Intensificar a luta contra as iniciativas de regulamentação do MLCTI (Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação) no âmbito das universidades federais, estaduais e municipais, institutos federais e Cefets. E, em conjunto com outros setores dos serviços públicos e com as entidades científicas, lutar pela revogação da Emenda Constitucional 95 (teto de gastos).

Avançar no levantamento sobre defasagem nos valores e na oferta de bolsas de pesquisa na graduação e pós-graduação, bem como lutar contra os cortes de bolsas no âmbito da Ciência, Tecnologia e Humanidades, assim como exigir o aumento dos valores.

COMUNICAÇÃO E ARTE

Realização do seminário nacional “Comunicação Sindical e Mídias Digitais”, em formato online, em maio deste ano, e do “VII Encontro de Comunicação e Arte”, de forma presencial, em 2023.

Realização do I Festival de Arte e Cultura do Andes-SN, no segundo semestre de 2022.



Emoção e cultura deram o tom da plenária de abertura

> Homenagem às vítimas da covid-19, apresentação de música e poesia, e forte discurso da presidente licenciada do Andes contra a discriminação sexual foram as marcas do reencontro

Depois de mais de dois anos de atividades remotas, o primeiro evento presencial promovido pelo Andes teve, em sua abertura, um momento de tristeza em meio à alegria pelo reencontro afetuoso entre docentes de todo o país: um minuto de silêncio em memória aos professores mortos pela covid-19 e, em especial, a Marcos Goulart de Souza, de 38 anos, funcionário do sindicato nacional. A emoção que tomou conta dos 642 docentes presentes ao auditório Araújo Viana, da UFRGS, enquanto nomes e fotos dos mortos eram exibidos no telão, foi uma das marcas da plenária de abertura do congresso, um dos maiores da história do Andes, na manhã do domingo (27), em Porto Alegre.



auditório. “Atravessamos o país, do Rio Grande (do Norte) ao Rio Grande (do Sul), para estar aqui com vocês. Estar aqui não é um ato individual, é um ato coletivo. Quantas pessoas são discriminadas todos os dias simplesmente por fugir do padrão heteronormativo imposto por essa sociedade? Quantas famílias como a nossa têm de viver escondidas?”, disse Rivânia, emocionada, arrancando aplausos da plateia.

Os gritos de “Fora, Bolsonaro!”, que se seguiram à fala de Rivânia, se repetiram ao longo

de todo o congresso — e seriam os únicos bradados em consenso pelas diversas correntes políticas que convivem no Andes. Entre tantas divergências, a certeza de que apear do poder o presidente é a mais urgente decisão para melhorar a vida dos brasileiros permeou todas as falas. Ela veio até mesmo em forma de música e poesia. Ao abrir a plenária, a atriz, cantora, musicista e arte-educadora gaúcha Pâmela Amaro colocou muitos docentes para dançar ao som do samba e do jongo, e terminou sua apresentação com um sonoro “Fora, Bolsonaro!”.

Dois convidados especiais também reforçaram o coro. Representante do Coletivo de Estudantes Indígenas da UFRGS, Woia Paté Xokleng, lembrou dos ataques do governo federal à soberania das terras indígenas, ameaçadas com novas investidas de garimpeiros e mineradoras incentivadas por Bolsonaro. E Maria Caridad Corder, diretora da Central de Trabalhadores de Cuba, estendeu a bandeira de seu país no palco e condenou os ataques do governo Bolsonaro à democracia. “Fuera!”, “Fora!”, pode escolher, presidente.



CENAS DA PLENÁRIA DE ABERTURA do Congresso do Andes mesclaram emoção e protesto. A plateia aplaudiu de pé (acima) a fala da professora Rivânia Moura, que foi ao congresso com a companheira Maria Luísa e o filho Gael, de dois meses (foto ao lado). Nas fotos ao lado, a cantora Pâmela Amaro e o líder indígena Woia Xokleng. Na foto em detalhe no texto, representantes da Central de Trabalhadores de Cuba estendem a bandeira de seu país.



CENAS DO REENCONTRO



FORA BOLSONARO!

Ato público “Pelos Liberdades Democráticas e em Defesa do Serviço Público” reuniu centenas de pessoas no Centro de Porto Alegre na sexta-feira passada (1º/4), e encerrou o 40º Congresso do Andes. Diretoria da AdUFRJ marcou presença na manifestação em defesa da democracia e contra os ataques do governo Bolsonaro ao Serviço Público, aos direitos trabalhistas, às universidades, à Ciência e à Educação.

